

Olhares docentes sobre os impactos da violência doméstica na aprendizagem de alunos vítimas: uma pesquisa empírica

Luciana Pimentel Rodriguez

Centro Universitário da Região da Campanha, lucianaprodriguez@gmail.com

Introdução

A violência doméstica é uma questão de saúde pública global, reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma patologia social que afeta milhões de pessoas. No Brasil, o debate sobre os maus-tratos na infância sob a perspectiva da saúde pública e da prevenção de fatores de risco ganhou relevância apenas a partir da década de 1980, quando a violência foi incluída como tema na pauta da saúde coletiva (Sanchez; Minayo, 2006). Entre os grupos mais vulneráveis às agressões estão as crianças, as mulheres e os idosos, o que reflete a fragilidade das políticas de proteção e a necessidade de aprimorar as medidas de combate à violência.

No caso das crianças e adolescentes, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei nº 8.069/1990) estabelece uma série de direitos que visam garantir o desenvolvimento integral e a proteção contra qualquer forma de violência, exploração ou negligência. A legislação também prevê medidas emergenciais e procedimentos judiciais para afastar as vítimas de ambientes familiares abusivos. Mesmo com essas garantias legais, a violência contra menores de idade, especialmente no ambiente doméstico, continua a ser uma realidade alarmante.

Neste contexto, a escola desempenha um papel crucial na identificação e no apoio a crianças e adolescentes que sofrem com a violência doméstica. Por ser um espaço onde os alunos passam grande parte de seu tempo, é no ambiente escolar que os professores podem identificar sinais de que algo está errado, como mudanças comportamentais, dificuldades de aprendizagem

e isolamento social. Dessa forma, o olhar atento do docente torna-se uma ferramenta essencial na detecção de situações de abuso.

Este artigo tem como objetivo analisar a percepção de professores sobre os impactos da violência doméstica na aprendizagem de alunos. A pesquisa busca compreender quais são as reações observadas em sala de aula, as dificuldades enfrentadas por esses estudantes e como os professores lidam com esses desafios. Além disso, pretende identificar os tipos de violência mais presentes no contexto familiar e investigar se as escolas dispõem de mecanismos para mitigar os danos causados à formação e ao desenvolvimento dessas crianças e adolescentes.

Metodologia

A presente pesquisa é um estudo de campo com abordagem quali-quantitativa. Segundo Gil (2002), “o estudo de campo apresenta muitas semelhanças com o levantamento, distinguindo-se, no entanto, em diversos aspectos. De modo geral, pode-se dizer que o levantamento tem maior alcance e o estudo de campo, maior profundidade”. Essa abordagem foi escolhida para estabelecer uma relação entre as características do público-alvo e o tema proposto, combinando análise estatística e interpretação fenomenológica. O estudo utilizou questionários como instrumento de coleta de dados, buscando captar a percepção docente sobre os impactos da violência doméstica na aprendizagem dos alunos.

O processo de coleta de dados envolveu 14 docentes, em sua maioria pedagogos que atuam nos anos iniciais, além de professores de disciplinas específicas como matemática, história e letras. Todos os participantes são da rede pública de ensino do município de Dom Pedrito, sendo que a escola pesquisada está localizada em uma região periférica da cidade. O questionário, aplicado de forma online via Google Forms, continha 10 questões estruturadas, possibilitando tanto respostas abertas quanto fechadas, de forma que os docentes pudessem contextualizar suas experiências cotidianas em sala de aula.

A análise dos dados seguiu um enfoque empírico, utilizando tanto informações qualitativas quanto quantitativas. A pesquisa teve como foco descrever o fenômeno da violência doméstica e examinar como os professores enfrentam e reagem a essa realidade. A coleta de dados por meio de questionários e a análise posterior permitiram interpretar e mapear as informações obtidas, proporcionando uma visão ampla e aprofundada sobre os impactos da violência doméstica na aprendizagem escolar.

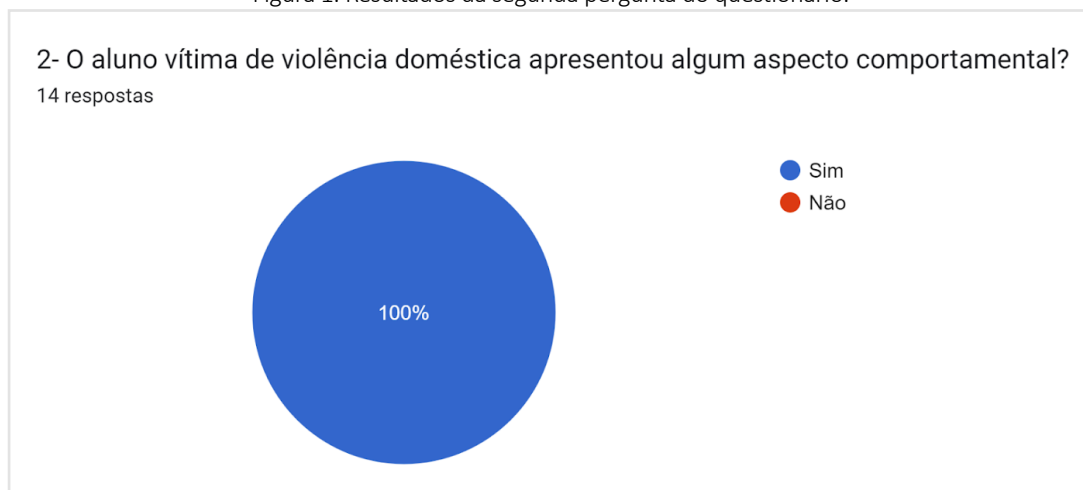
Percepção docente sobre os impactos da violência

A seguir, apresentam-se os resultados do levantamento de acordo com as respostas

fornecidas pelos docentes a seis das dez perguntas do questionário. Esta análise priorizou as questões que apresentam dados significativos e não apenas demográficos. A partir da observação das respostas de cada pergunta é possível fornecer uma visão detalhada e estruturada sobre como os docentes compreendem e reagem a essa problemática, evidenciando as implicações nos processos de ensino e de aprendizagem.

Na questão que investigou se os alunos vítimas de violência doméstica apresentam algum aspecto comportamental no contexto escolar, os resultados indicam que 100% dos docentes relataram a existência de mudanças comportamentais nos alunos que sofreram violência. Esses comportamentos variam, mas estão sempre presentes, reforçando a percepção de que o ambiente escolar é um espaço privilegiado para identificar possíveis vítimas de abuso.

Figura 1. Resultados da segunda pergunta do questionário.



Fonte: elaborado pela autora.

Esse dado corrobora o estudo de Ristum (2010), que aponta para a necessidade de sensibilização dos profissionais da educação quanto à observação atenta de seus alunos. Mudanças no comportamento, dificuldades de aprendizagem e problemas de interação social são indicativos de que algo pode estar ocorrendo no ambiente familiar, incluindo a violência doméstica.

Esses resultados reforçam a importância do papel do professor como observador atento no cotidiano escolar. Mesmo alterações sutis no comportamento dos alunos podem sinalizar a presença de abuso, exigindo uma intervenção cuidadosa e, muitas vezes, discreta. A escola, portanto, torna-se um espaço fundamental para identificar sinais de sofrimento e, em alguns casos, acionar as redes de apoio necessárias para proteger o aluno.

Na questão que buscou identificar qual tipo de violência doméstica é mais recorrente na realidade vivenciada pelos docentes entrevistados, os resultados mostram que a violência física é a mais prevalente. Dos 14 professores participantes, 7 relataram que a violência física é a forma mais

frequente de agressão observada em suas experiências, representando 50% das respostas. Além disso, 3 docentes mencionaram a ocorrência simultânea de violência física e verbal, enquanto 2 professores destacaram apenas a violência verbal, e outros 2 mencionaram a negligência como a forma de violência mais presente.

Figura 2. Resultados da terceira pergunta do questionário.



Fonte: elaborado pela autora.

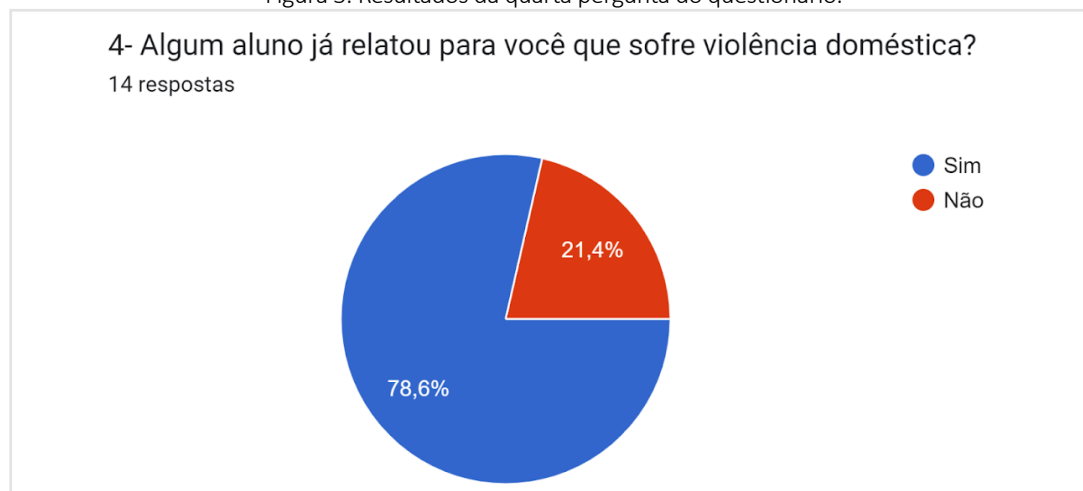
Esses dados revelam que a violência física, por vezes também associada a agressões verbais, é predominante no ambiente familiar dessas crianças e adolescentes, e suas consequências se estendem ao contexto educacional, afetando diretamente o comportamento e a aprendizagem dos alunos.

Esse cenário é corroborado pelos números do Disque Direitos Humanos, que registrou 86,8 mil denúncias de violações de direitos contra crianças e adolescentes ao longo de 2019, um aumento de quase 14% em relação ao ano anterior (Brasil, 2020). Esses registros indicam que crianças e adolescentes continuam sendo um grupo extremamente vulnerável a diferentes formas de violência, muitas das quais têm repercussões diretas no ambiente escolar.

Portanto, é fundamental que a escola, em especial os docentes, esteja preparada para identificar esses sinais e intervir de maneira eficaz, buscando mitigar os impactos que a violência doméstica gera no processo educacional. A sensibilização e capacitação dos professores para lidar com essas situações são essenciais para promover um ambiente escolar mais acolhedor e seguro para as vítimas.

Isso vem ao encontro do que revela a próxima questão: algum aluno já relatou para você que sofre violência doméstica? Os laços entre professores e alunos desempenham um papel fundamental na construção de uma relação de confiança, tornando a escola o segundo espaço de socialização e um lugar onde os estudantes podem compartilhar suas experiências pessoais.

Figura 3. Resultados da quarta pergunta do questionário.



Fonte: elaborado pela autora.

Os resultados mostram que 78,6% dos docentes, ou seja, 11 professores, já passaram por situações em que alunos relataram ser vítimas de violência doméstica. Por outro lado, 21,4% dos entrevistados (3 professores) nunca vivenciaram tal relato.

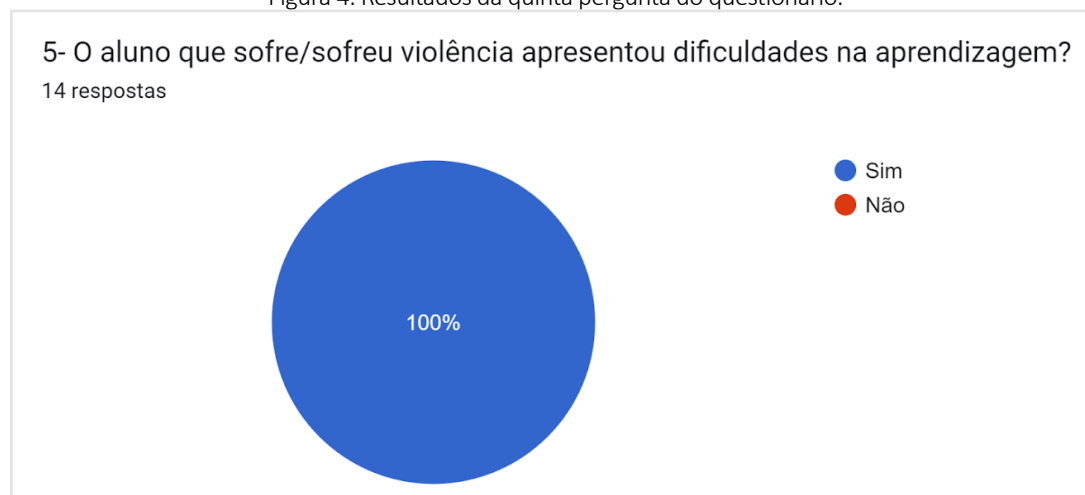
O alto percentual de professores que receberam relatos de violência evidencia a importância de a escola estar preparada para acolher e orientar as vítimas. Isso reforça que, em um ambiente escolar saudável e acolhedor, os alunos se sentem à vontade para buscar apoio e refúgio em seus professores.

Esses dados estão alinhados com os registros do Disque Direitos Humanos (Disque 100), que, no segundo trimestre de 2022, recebeu 197.401 denúncias de crimes contra crianças de até 9 anos, um aumento em relação a 2021, que registrou 186.862 denúncias (Brasil, 2021). As formas de violência mais comuns, de acordo com esse canal de denúncias, incluem violência física, psicológica e negligência, sendo que 93,6% dos crimes ocorreram dentro do ambiente doméstico.

Esse cenário reforça a necessidade de um ambiente escolar vigilante e preparado para intervir em casos de violência doméstica, oferecendo suporte adequado às vítimas e promovendo um espaço seguro para que possam relatar suas vivências.

A constatação de que 78,6% dos professores já receberam relatos diretos de alunos sobre violência doméstica reforça a urgência de a escola estar atenta não apenas aos sinais comportamentais, mas também aos impactos diretos na aprendizagem dessas crianças e adolescentes. Os relatos dos docentes sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos vítimas de violência doméstica tornam-se cruciais para compreender o reflexo desse fenômeno no desempenho escolar, ampliando a discussão para além do aspecto emocional e comportamental, e evidenciando as barreiras educacionais que essas vítimas enfrentam.

Figura 4. Resultados da quinta pergunta do questionário.



Fonte: elaborado pela autora.

Com base nessa realidade, a próxima questão investigou se os alunos que sofrem violência doméstica apresentam dificuldades na aprendizagem. O resultado foi unânime: 100% dos 14 professores entrevistados afirmaram que sim, os alunos vítimas de violência doméstica demonstram defasagens no processo de aprendizagem. Isso corrobora a afirmação de Ristum (2010), segundo a qual essas crianças, além de apresentarem baixo rendimento acadêmico, também tendem a ser desinteressadas, dispersas e/ou desatentas.

Essas dificuldades mostram que a violência doméstica impacta diretamente o desenvolvimento educacional dos alunos, resultando não apenas em lacunas no aprendizado, mas também em traumas que podem perdurar ao longo da vida. As vítimas de violência carregam essas defasagens, tanto no desenvolvimento cognitivo quanto na construção de suas identidades, comprometendo suas trajetórias acadêmicas e sociais, o que ressalta a importância de uma intervenção eficaz por parte dos educadores.

Dado que as dificuldades de aprendizagem são uma consequência direta da violência doméstica, o acolhimento por parte dos professores torna-se fundamental para minimizar esses impactos. O docente, além de desempenhar um papel essencial no processo educacional, se torna uma figura-chave para reconhecer e buscar ajuda para essas vítimas. Muitas vezes, os sinais fornecidos pelos alunos são sutis, mas, conforme relatado pelos docentes entrevistados, há comportamentos recorrentes que podem indicar a existência de violência no ambiente familiar.

Na questão 6, foi perguntado aos professores quais comportamentos as crianças vítimas de violência doméstica apresentaram. As respostas variaram, mas alguns padrões se destacaram: a falta de interesse foi mencionada repetidamente de diferentes maneiras, juntamente com a agressividade e a tristeza, que também obtiveram grande destaque. A falta de motivação, timidez e indisciplina foram outras manifestações observadas. Notavelmente, alguns professores relataram

que um aluno demonstrou medo e outro expressou o desejo de não retornar para casa, revelando sinais mais profundos de sofrimento.

Como afirma Souza (2008), “independentemente de seus tipos ou formas, atos de violência comprometem as relações sociais dos indivíduos que a sofrem e, particularmente, o desenvolvimento psicológico e emocional da criança”, afetando tanto seu desempenho escolar quanto sua interação social. As habilidades de socialização das vítimas são profundamente comprometidas, acarretando danos em seu desenvolvimento acadêmico e no cotidiano.

Tabela 1. Respostas da sexta pergunta do questionário.

Quais comportamentos foram apresentados?
Tristeza, agressividade, falta de motivação, falta de interesse escolar.
Revolta.
Irritação, desatenção, abatimento.
Comportamento distinto do exigido na atividade.
Desinteresse, sono, agressividade.
Ficam calados, dispersos.
Depressão.
Falta de concentração, agressividade, introspecção.
Indisciplina e falta de atenção.
Falta de atenção, aluno inquieto, com comportamento inadequado.
Falta de atenção, atitudes violentas, medo e desconfiança, dificuldade de socialização.
Tristeza, choro, sem vontade de voltar para casa.
Depressão.
Desânimo, tristeza, choro, falta de concentração, agitação, agressividade ao responder, impaciência, agressividade com os colegas.

Fonte: elaborado pela autora.

Os relatos dos docentes deixam claro que a violência doméstica não apenas afeta o comportamento das crianças, mas também traz consequências diretas para dentro da sala de aula. Cabe ao professor, portanto, desenvolver estratégias que ajudem a amenizar essas dificuldades, promovendo um ambiente de acolhimento que contribua para o processo de recuperação e

desenvolvimento das vítimas. Essa sensibilização e preparo do docente são essenciais para que a escola cumpra seu papel de suporte, proporcionando não apenas um espaço de aprendizado, mas também um refúgio para aqueles que mais precisam.

Dando continuidade à análise dos impactos da violência doméstica no ambiente escolar, a próxima pergunta buscou entender se os docentes acreditam que suas escolas possuem meios e conhecimentos adequados para auxiliar os alunos vítimas de violência. O resultado revelou uma divisão significativa entre as respostas: dos 14 professores entrevistados, 11 afirmaram que a escola possui recursos e conhecimentos para ajudar esses alunos, enquanto 3 relataram que a escola não tem condições para fornecer esse tipo de auxílio.

Entre os que responderam de forma positiva, foram destacadas algumas justificativas importantes. A presença de uma psicóloga foi mencionada por 3 professores, enquanto a orientadora escolar foi citada 6 vezes como figura central no apoio aos alunos. Além disso, os docentes também destacaram o trabalho colaborativo da equipe diretiva e dos próprios professores, que são atuantes e vigilantes na identificação de casos de violência. O Conselho Tutelar foi mencionado 2 vezes como um recurso externo importante para a resolução desses casos.

Por outro lado, os professores que responderam negativamente justificaram suas respostas mencionando a ausência diária de profissionais capacitados para lidar com essas situações, como psicólogos ou assistentes sociais. Esse ponto foi mencionado por 2 docentes, enquanto a outra docente não especificou claramente as razões para a ausência de medidas de apoio.

Tabela 2. Respostas da nona pergunta do questionário.

Você acredita que sua escola tem meios e conhecimento para ajudar esses alunos vítimas da violência doméstica? Se SIM, quais os meios? Se NÃO, Porquê?
Não, pois não temos direto na escola profissionais habilitados.
Sim, orientação.
Sim, SOE. Apoio do Conselho Tutelar.
Sim.
Não.
Sim, porque tem psicóloga e orientadora.
Acredito que não, porque deveria ter um psicólogo atuando em cada escola.
Sim, Conselho Tutelar .

Sim. Muitos. A equipe pedagógica está sempre atenta. E nós professores estamos bem preparados para identificar e avisar as autoridades sobre situações desse tipo. Minha diretora e minha supervisora desenvolvem um trabalho excelente. Acompanham de perto a situação de cada aluno. E estimulam e cobram que nós, professores e professoras, fiquemos atentos e vigilantes.
Sim, o SOE.
Sim, psicóloga.
Sim, Serviço de Orientação Educacional.
Sim, porque devemos sempre estar atentos ao comportamento do aluno e procurar os órgãos competentes.
Sim, orientadora escolar e atendimento psicológico.

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme Brino e Williams (2003), a escola é um espaço privilegiado para que a criança se sinta confortável para relatar a violência sofrida, sendo o segundo local de socialização fora do ambiente familiar. Nesse sentido, a escola tem o potencial não apenas de identificar e suspeitar de casos de violência, mas também de desenvolver trabalhos de prevenção e suporte às vítimas. No entanto, os resultados indicam que, apesar de algumas escolas terem recursos e conhecimentos suficientes, há uma lacuna significativa em outras, evidenciando a necessidade de maior investimento em capacitação e suporte para que todas as instituições de ensino possam desempenhar esse papel de forma eficaz.

Considerações finais

A presente pesquisa agregou conhecimento valioso sobre a realidade da violência doméstica contra crianças e adolescentes, suas consequências no ambiente escolar e os desafios que essa questão impõe ao trabalho docente. O estudo de campo evidenciou o olhar dos professores de uma escola municipal localizada em uma região periférica, onde a violência doméstica é uma realidade recorrente.

A análise dos dados revelou que 100% das professoras entrevistadas já tiveram contato com alunos que são vítimas de violência, reforçando a importância do papel do professor como uma figura de confiança e acolhimento dentro da sala de aula. Esse vínculo de confiança é fundamental para que os alunos se sintam seguros em relatar suas vivências, conforme mostrado pelos mesmos 78,6% de docentes que afirmaram ter recebido relatos diretos de violência por parte de seus alunos.

O comportamento dos alunos em sala de aula também foi apontado como um indicativo

crucial para identificar possíveis vítimas de violência. Mesmo que os sinais sejam sutis, os professores relataram comportamentos como desmotivação, agressividade, depressão, medo, antissociabilidade e revolta, demonstrando que a violência doméstica afeta profundamente o desenvolvimento emocional e social das crianças e adolescentes. Esses traços comportamentais são fundamentais para que o docente possa identificar e intervir em situações de violência.

No âmbito educacional, todos os 14 professores entrevistados confirmaram que os alunos vítimas de violência doméstica apresentam dificuldades significativas na aprendizagem. A violência, portanto, não só compromete o bem-estar emocional e psicológico dos alunos, como também prejudica severamente seu desempenho escolar. Da mesma forma, a pesquisa revelou uma lacuna preocupante nas políticas de apoio dentro do ambiente escolar, ressaltando a urgência de políticas públicas que promovam a formação continuada dos professores, capacitando-os para identificar e lidar com casos de violência doméstica.

Referências

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 1990.

BRASIL. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias>. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **DataSUS**, c2021. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?popsvs/cnv/popbr.def>. Acesso em: 20 set. 2024.

BRINO, R. F.; WILLIAMS, L. C. A. Capacitação do educador acerca do abuso sexual infantil. **Interação em Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 1-10, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3218/2580>. Acesso em: 20 set. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Informe sobre a situação mundial da prevenção da violência contra as crianças de 2020**. Genebra, 2020.

RISTUM, Marilena. A violência doméstica contra crianças e as implicações da escola. **Temas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 231-242, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100019. Acesso em: 20 set. 2024.

SANCHEZ, R. N.; MINAYO, M. C. S. Violência contra Crianças e Adolescentes: Questão Histórica, Social e de Saúde. In: LIMA, C. A. (Org.). **Violência faz mal à saúde**. Brasília: MS, 2006. p. 29-38.

SOUZA, Mirian Rodrigues de. Violência nas escolas: causas e consequências. **Caderno Discente do Instituto Superior de Educação**, v. 2, n. 2, p. 119-136, 2008. Disponível em: <https://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20VIOL%C3%8ANCIA%20NAS%20ESCOLAS%20-%20CAUSAS%20E%20CONSEQU%C3%8ANCIAS.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.